

FAMÍLIA BRASILIENSE

A cada censo, a idade média da população do DF aumenta em dois anos, o que resulta no crescimento da expectativa de vida e envelhecimento do brasiliense. Ao mesmo tempo, segundo uma tendência nacional, as mulheres de Brasília têm menos filhos. Cada dia com mais adultos e idosos, a família Cruz (na foto) é um exemplo dessas e outras características próprias do povo candango.

Maria Cândida, 60 anos

Quinta filha de Cecília, chegou em Brasília um ano antes da mãe para morar na Vila Amauri (primeiro acampamento de pioneiros). Enquanto as mulheres brasilienses casam, em média, aos 27 anos e têm dois filhos cada, Cândida casou aos 13 e teve seis filhos. À exceção da primogênita, todos os descendentes de Cândida são brasilienses. Tem 12 netos e dois bisnetos.



Denison Filho, 5 anos

É o primeiro tataraneto de Cecília, neto de Clair e filho de Denison. Crianças de até nove anos representam 19,30% da população — 4% tem entre cinco e seis anos. O menino, que já comece a ler, faz o último ano da Educação Infantil. Como ele, 38,3% das crianças de 0 a 6 anos do DF freqüentam uma sala de aula.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Arte: Joelson Miranda sobre foto de José Varella

Cecília Cruz, 86 anos

Baiana, veio do interior de São Paulo em 1959 para reestruturar a família: quatro dos 14 filhos morreram afogados durante uma travessia do rio Paranapanema. Nordestinos como Cecília são maioria entre os 123.433 idosos do DF. As mulheres representam 56,4% e vivem, em média, 73,5 anos (oito a mais do que os homens).

Denison, 22 anos

Bisneto de Cecília é o segundo dos três filhos de Clair. Foi o primeiro a lhe dar netos, quando tinha apenas 16 anos. Em geral, os adolescentes candangos começam a vida sexual cedo: os meninos aos 14 e as meninas aos 15 anos. Como ele, 74% dos jovens brasilienses com idade entre 18 e 24 anos trabalham. Denilson é funcionário terceirizado do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

Com lucidez e riqueza de detalhes, dona Cecília, 87 anos, conta a saga de sua família. Os pioneiros Cruz chegaram ao Distrito Federal em 1958 e se fixaram na Vila Amauri — acampamento de candangos que ficou submerso com a construção do Lago Paranoá. Um ano depois, Cecília Cruz deixava a cidade de Andradina (SP) para se unir à família. Entre a Vila Amauri e Sobradinho, a matriarca viu a prole multiplicar-se: 14 filhos, 30 netos, 25 bisnetos e três tataranetos. A cidade-suíte, erguida do nada, no coração do Brasil, acolheu a todos.

A história dos Cruz repete a trajetória dos milhares de candangos que construíram Brasília e hoje dão vida à capital federal. A família envelhece. A cada dia há menos crianças, mais adultos na faixa etária dos trinta aos quarenta anos e o número de idosos aumenta. A maior parte dos Cruz estudou até o nível médio. As mulheres são maioria. O retrato da família é a imagem dos cidadãos brasilienses, 44 anos depois da inauguração da capital (veja foto e textos acima). É o que aponta a Síntese de Indicadores Sociais 2003, lançada semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os brasilienses também tornaram-se numerosos. Na década de 60, havia 24,43 habitantes por quilômetro quadrado. Éramos 141.762 candangos. Hoje, a mesma extensão territorial é disputada por cerca de 352 brasilienses. Somos mais de 2 milhões.

MAIS MADURA E FEMININA

Uma jovem senhora. Estudada, independente, de salto alto. Aos 44 anos, Brasília mescla a singularidade de sua arquitetura ao perfil de seus habitantes. Ganha, assim, formas e trejeitos femininos. Se as mulheres eram raridade nos primeiros anos da nova capital, hoje elas são maioria.

Nas famílias mais numerosas e tradicionais, que aqui chegaram de vários partes do país liberadas pelos candangos, o comando é exercido agora por matriarcas. O Correio conta as mudanças no perfil da população brasiliense, as razões das principais transformações e as tendências para o futuro.

Em maior número, as mulheres somam 1,1 milhão de habitantes (52,42% da população) — um acréscimo de 5,7% em relação à década de 90. É como se, para cada grupo de cem mulheres, nascesse 90,8 homens. E elas vivem, em média, oito anos a mais do que seus parceiros. Cecília Cruz endossa a estatística, com sua experiência. "Em setembro, completa 16 anos que meu marido morreu", revela.

Geração brasiliense

O IBGE realiza um censo por década. E a cada censo a população local envelhece, em média, dois anos. "A idade média do brasiliense passou dos 20 para 23 anos. A faixa etária que concentra o maior número de habitantes está entre os 30 e os 49 anos. Trata-se da primeira geração de brasilienses", explica o chefe da unidade do IBGE no DF, Walker Moura. Essa é a idade de 28,66% dos habitantes do DF. Em seguida, estão os can-

dangos na faixa dos 20 aos 24 anos (10,84%) e dos 25 aos 29 (10,11%).

"Cada brasiliense tem, em média, dois filhos. No país essa taxa é de 2,4. Isso significa que, gradativamente, o número de crianças no DF têm diminuído e de idosos aumentado. Mas os idosos ainda são menos de 5% da população", completa Moura. Em Brasília desde 1959 e no IBGE há dez anos, ele atribui o envelhecimento do brasiliense a características estruturais da capital.

"Estamos numa cidade urbana, 95% dos lares dispõem de infra-estrutura e saneamento. Quase ninguém caminha uma légua para chegar à escola. Cidadãos de todo o Brasil e do mundo passam por aqui", enumera. O resultado, conclui Moura, é que a população tem um dos maiores tempos de estudo do país (8,2 anos) e acesso facilitado ao mercado de trabalho. "Uma população bem informada, estudada, que trabalha e ganha mais do que a média nacional, casa mais tarde, cuida melhor dos filhos ou não os tem, envelhece com mais saúde."

Mesmo com o aumento no número de idosos, os especialistas afirmam que o povo de Brasília cuida com esmero de seus filhos. A possibilidade de ascensão social, a renda e a escolaridade acima da média nacional resulta em mais cuidados com a infância e a juventude. "As crianças do DF, e especialmente do Plano Piloto, têm dos melhores padrões de vida do país desde a sua concepção", avalia a pediatra Mônica Mulinho. Para demonstrar o privilégio da infância brasiliense, ela aponta a baixa incidência de casos de intoxicação por medicamentos e substâncias tóxicas e de mortalidade infantil — de 5,5%, quanto a média brasileira é de 6,3%. "Só o fato da cobertura vacinal está em 100% é excelente", conclui.

Os cuidados resultam em jovens mais independentes. É o que afirma o psicólogo especializado em adolescentes, Marcelo Pio da Costa. "Desde cedo, os adolescentes de Brasília pegam ônibus, apropriam-se dos espaços públicos. São antenados e bem informados, mesmo os da periferia", considera.